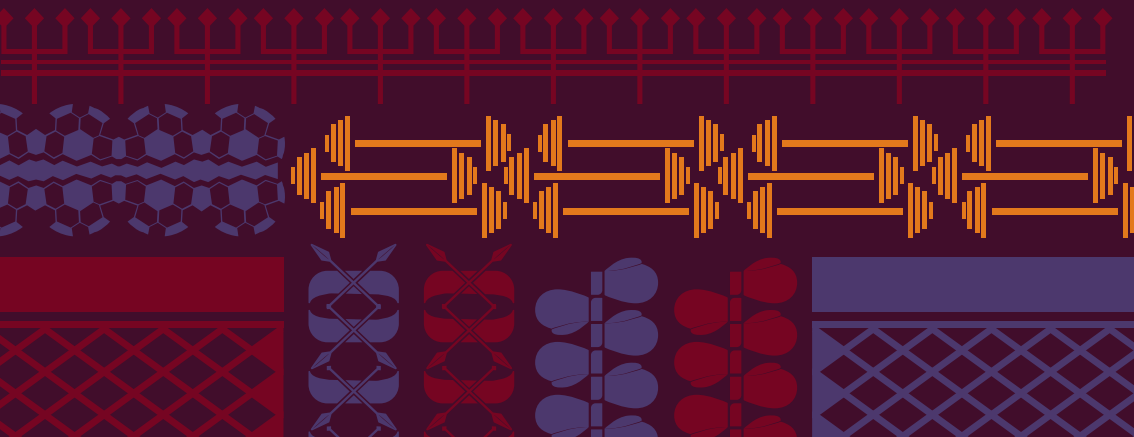
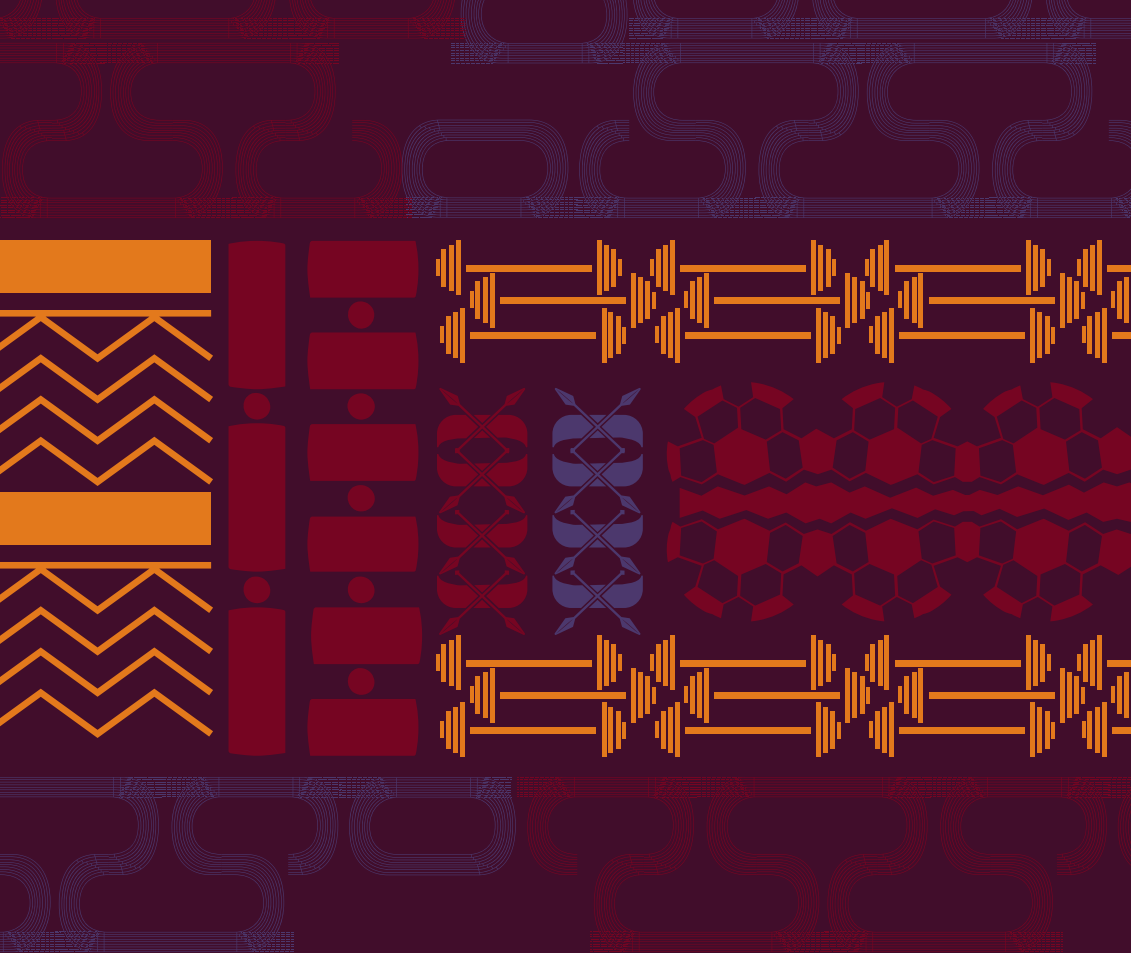


# CENTENÁRIO DE NEGRIÇÕES ESPORTIVAS



Sesc

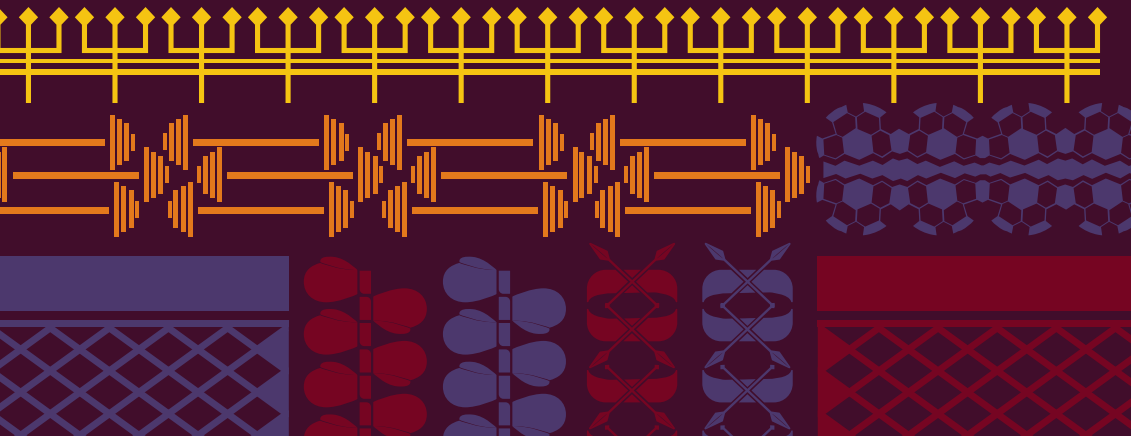




## CENTENÁRIO DE NEGRITUDES ESPORTIVAS

Curadoria Yordanna Lara Rêgo **Criação Textual e Revisão** Diego Moraes, Rafaele da Silva Seraphim

**Identidade Visual e Design Gráfico** Cassimano

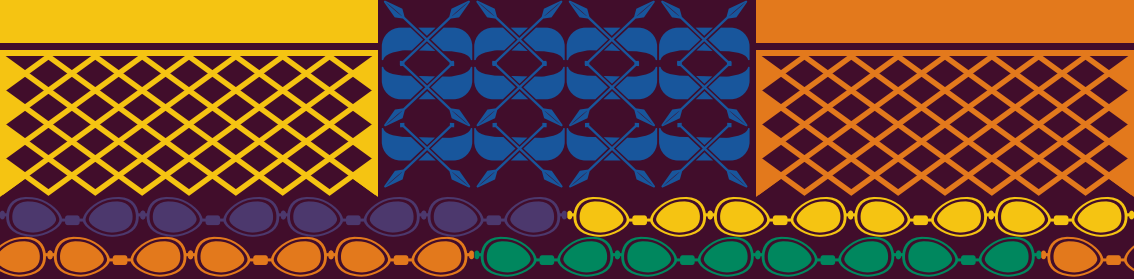




# CENTENÁRIO DE NEGRIÇÕES ESPORTIVAS

AGOSTO DE 2024





# PRETAGONIZAR.

**“Nós somos o começo, o meio e o começo. Existiremos sempre, sorrindo nas tristezas para festejar a vinda das alegrias. Nossas trajetórias nos movem, nossa ancestralidade nos guia.”**

***Mestre Antônio Bispo dos Santos***

A ação “Centenário das Negritudes Esportivas Brasileiras” aborda, a partir de uma perspectiva antirracista, histórias que por muito tempo foram invisibilizadas. Trata-se de uma celebração da trajetória dos atletas negros no Brasil, que, desde as Olimpíadas de Paris em 1924, não só conquistaram vitórias memoráveis, mas também protagonizaram uma luta por igualdade e justiça social.

São narrativas que exaltam a potência das pessoas atletas negros e negras que, enfrentando adversidades, emergiram como ícones de resistência e inspiração.

Histórias por muito tempo ocultas, trazendo à tona o valor inestimável desses exemplos para o esporte e para a construção da identidade nacional.

A ancestralidade é um dos pilares. A força desses atletas não reside apenas em suas habilidades físicas, mas também na rica herança cultural que carregam. Suas raízes, tradições e sabedorias ancestrais são fontes de poder e resiliência, alimentando a luta contínua contra o racismo e a opressão.



A busca pela liberdade é outra temática central. Este livreto destaca como, através do esporte, muitos atletas encontraram um caminho para a emancipação, quebrando barreiras sociais e se afirmando como protagonistas de suas próprias histórias. O esporte, aqui, é visto como uma arena de competição, mas sobretudo como espaço de afirmação e conquista de direitos.

Além disso, ganham destaque os avanços alcançados ao longo deste século. Cada vitória, cada recorde quebrado, cada medalha conquistada, tudo isso representa passos significativos. Trata-se também de um chamado à ação, uma lembrança de que a mobilização por um futuro em que todos possam prosperar livremente deve ter continuidade.

Do pioneiro Alfredo Gomes até os dias atuais, a efeméride dos 100 anos é um símbolo. Uma viagem pelos tempos que se baseia no potencial inspirador da história contada. Afinal, para o Sesc, esporte e educação devem caminhar juntos, unindo conhecimento e transformação, na direção de uma sociedade mais justa.

**Boa leitura!**

**Sesc São Paulo**



# O PASSADO É ALIMENTO SAGRADO PARA O FUTURO

Nos dias atuais é bem mais comum ver negros/as com destaques em esportes olímpicos. Mas nem sempre foi assim. Nos primórdios dos Jogos Olímpicos, o esporte era uma atividade majoritariamente para brancos e ricos.

Embora o Brasil seja um país de maioria negra, o racismo é presente em todas as áreas. Todos os dias. Em inúmeras situações. Tendo como consequência imediata o empobrecimento e o apagamento da população negra. No Esporte, não é diferente. O racismo é uma das estruturas de sustentação do colonialismo. Sistema político, econômico e cultural imposto a partir da invasão colonizadora europeia principalmente no território das Américas e da África, ao lado do patriarcado. Ele diz respeito à hierarquização dos povos e dos gêneros. Colocando a branquitude e a masculinidade no lugar de maior poder, importância e prestígio na sociedade em detrimento aos demais povos. Usando as mais ardilosas tecnologias de controle social. O apagamento da memória no intuito de minar a identidade negra é uma dessas tecnologias racistas de controle. No intuito de combater o racismo no Esporte, buscamos no projeto *Centenário das Negritudes Esportivas Brasileiras* tirar das sombras atletas negros/as que foram pioneiros/as nas delegações olímpicas brasileiras.

Nos orientamos pelo conceito de **Sankofa**. **Sanko = voltar; fa = buscar, trazer**. Origina-se de um provérbio tradicional entre os povos de língua Akan da África



Ocidental, em Gana, Togo e Costa do Marfim. Em Akan “se wo were fi na wosan kofa a yenki” que pode ser traduzido por “não é tabu voltar atrás e buscar o que esqueceu”. Como um símbolo Adinkra, Sankofa pode ser representado como um pássaro mítico que voa para frente, tendo a cabeça voltada para trás e carregando no seu bico um ovo, o futuro. Sankofa é, assim, uma realização do eu, individual e coletivo. O que quer que seja que tenha sido perdido, esquecido, renunciado ou privado, pode ser reclamado, reavivado, preservado ou perpetuado. Ele representa os conceitos de auto-identidade e redefinição. Simboliza uma compreensão do destino individual e da identidade coletiva do grupo cultural. É parte do conhecimento dos povos africanos, expressando a busca de sabedoria em aprender com o passado para entender o presente e moldar o futuro

Neste projeto, cada atividade é um convite para testemunhar não apenas a grandiosidade das conquistas das mulheres negras Melania Luz, Aida dos Santos, Soraia André, Miraildes Maciel Mota - Formiga, Etiene Medeiros, Adriana Araújo e dos homens negros Alfredo Gomes, Alison Piu, Servílio de Oliveira, José Oswaldo Fonseca, Edvaldo Valério e toda uma geração que se inspira e trilha seus caminhos pelas portas abertas por esses atletas. Mas também a luta incansável de uma nação por reconhecimento e equidade. Uma busca que transcende o tempo, lembrando-nos da importância de honrar aqueles/as que, com bravura e resiliência, pavimentaram o caminho para um futuro mais justo, livre do racismo e suas tramas interseccionais.

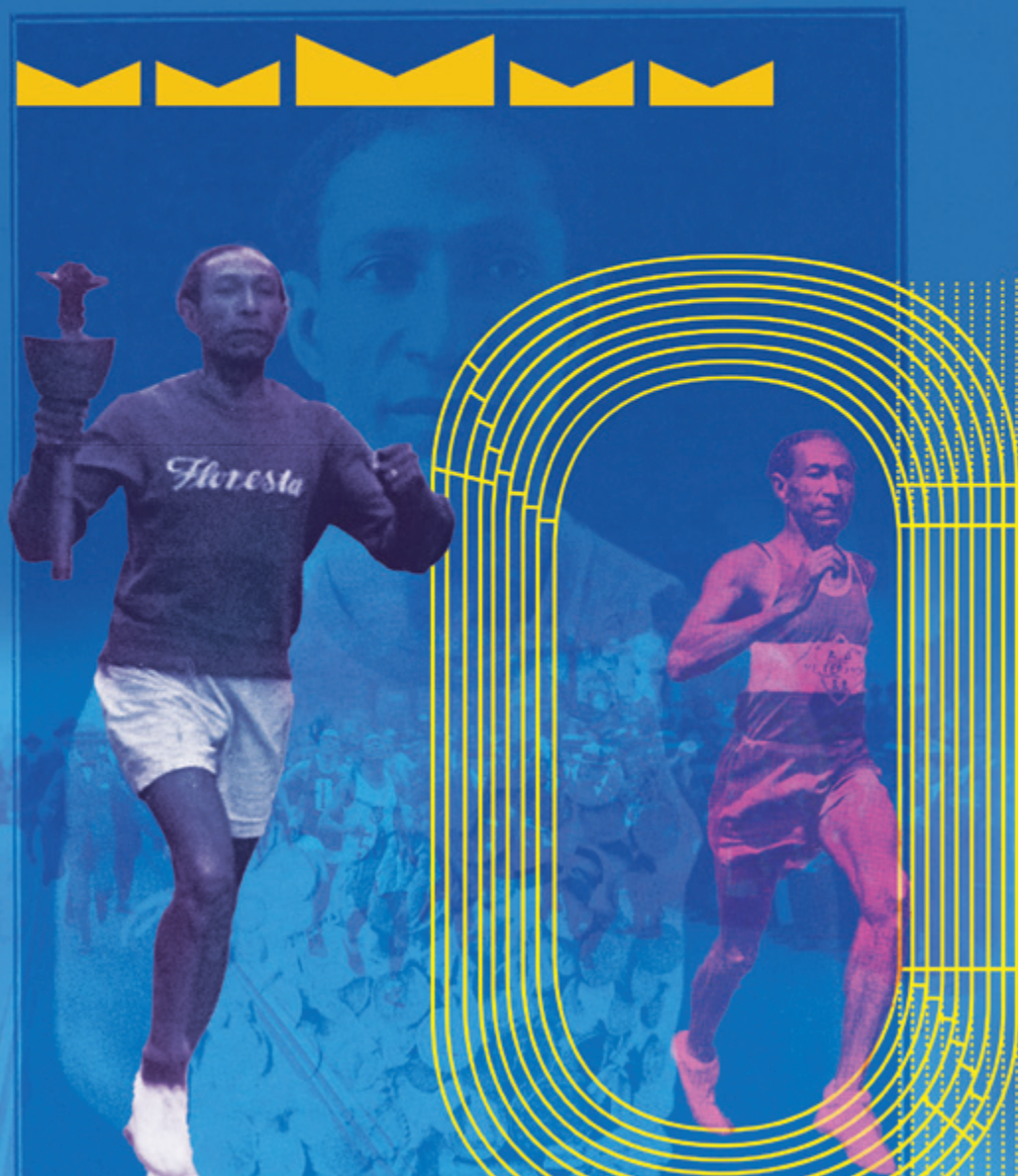


**Yordanna Lara Rêgo**  
Historiadora e Antropóloga

# ATLETISMO

REVISTA MENSAL DO CLUB ESPERIA

## A LARGADA PIONEIRA





# ALFREDO GOMES

Cem anos atrás, em 1924, **Alfredo Gomes** foi o porta-bandeira do Brasil. A primeira edição dos Jogos Olímpicos na capital francesa, foi também a primeira vez em que um homem negro marcava presença em uma delegação brasileira. Alfredo era um dos 12 atletas. Naqueles Jogos, ninguém conquistou medalha. Mas Alfredo representou um marco negro na história do atletismo.

Em 1925, especialista em provas de longa distância, Alfredo se tornou o primeiro campeão da São Silvestre - que se tornaria mais tarde, uma das principais provas de corrida de rua do Brasil. Ele abriu caminho para o povo brasileiro se acostumar com grandes conquistas negras.

A lista preta de medalhistas olímpicos no atletismo não tem Alfredo Gomes, mas tem o legado que ele deixou. Vieram conquistas, como as de: **João do Pulo**, **Joaquim Cruz**, **Adhemar Ferreira da Silva**, **Alison Piu** e **Thiago Paulino** - atleta do lançamento de disco da classe F57, bicampeão mundial e bronze nas Paralimpíadas de Tóquio 2021.

No Japão, no momento mais emblemático para um atleta, Thiago fez questão de reforçar que resiste. ao esticar o braço com o punho cerrado, enquanto recebia a medalha de bronze. Um gesto que valoriza a caminhada iniciada desde 1924 pelo Alfredo Gomes e que inspira as gerações seguintes, que vão além dos 100 anos de história do negro brasileiro em Jogos.

## CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Alfredo Gomes enfrentou discriminação racial intensa na década de 1920 no Brasil, refletida na política racista institucionalizada. Apesar da abolição da escravidão em 1888, políticas de branqueamento e discriminação limitavam suas oportunidades. Sua trajetória como primeiro atleta olímpico negro do Brasil destacou desigualdades sociais e desafiou normas racistas, influenciando futuras gerações na luta por inclusão e igualdade no esporte e na sociedade.



# ALISON PIU

Lá vem **Alison Piu** saltando as barreiras rapidamente e completando um trajeto de 400 metros na casa de 46 segundos. Ele é o grande nome do atletismo brasileiro na atualidade. Bronze nos Jogos Olímpicos de Tóquio 2021, é um dos favoritos ao ouro em Paris 2024.

A lista preta de medalhistas olímpicos no atletismo não tem Alfredo Gomes, mas tem o legado que ele deixou. Vieram conquistas, como as de: **João do Pulo, Joaquim Cruz, Adhemar Ferreira da Silva, Alison Piu e Thiago Paulino** - atleta do lançamento de disco da classe F57, bicampeão mundial e bronze nas Paralimpíadas de Tóquio 2021.

No Japão, no momento mais emblemático para um atleta, Thiago fez questão de reforçar que resiste. ao esticar o braço com o punho cerrado, enquanto recebia a medalha de bronze. Um gesto que valoriza a caminhada iniciada desde 1924 pelo Alfredo Gomes e que inspira as gerações seguintes, que vão além dos 100 anos de história do negro brasileiro em Jogos.

## CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Os Jogos Olímpicos de Tóquio 2021, realizados em meio à pandemia de COVID-19, destacaram-se pelas rigorosas adaptações de saúde e segurança, além de questões ambientais e manifestações sociais. Os atletas negros brasileiros enfrentaram restrições severas de treinamento e competição, desafios econômicos e impactos psicológicos, mas mostraram resiliência ao se adaptar e competir em um ambiente alterado.

Os Jogos Olímpicos de Tóquio em 2021 foram um palco onde atletas brasileiros negros, destacaram-se não apenas por suas performances esportivas, mas também por manifestações que apoiaram movimentos globais antirracismo. Isso trouxe à tona questões de representatividade étnico raciais no esporte e incentivou discussões sobre justiça social e equidade étnico racial no Brasil.

# NA PISTA, PELA VITÓRIA, PELO TRIUNFO

(TRECHO DA MÚSICA "TRIUNFO", DO EMICIDA)



# MELANIA LUZ

Nos Jogos Olímpicos de 1928, o Brasil não levou nenhum atleta para competir nos Jogos de Amsterdã. Mas nascia no bairro do Bom Retiro, em São Paulo, **Melania Luz**, que marcaria seu nome na história do esporte nacional.

Vinte anos mais tarde, o mundo se recuperava da Segunda Guerra Mundial e retomava com o maior evento esportivo do planeta, os Jogos Olímpicos, interrompido por 12 anos. Em Londres 1948, a delegação brasileira foi composta por 81 atletas, sendo apenas 11 mulheres. Entre elas, a velocista Melania Luz, a primeira mulher negra a representar o Brasil em Jogos Olímpicos.

O pioneirismo de Melania, atleta do tricolor São Paulo Futebol Clube, representou a intersecção entre a luta de gênero e raça. Foi não só a primeira mulher a competir nos Jogos Olímpicos como também inaugurou a primeira equipe feminina de atletismo no Brasil. Disputou as provas dos 200m rasos, terminando em quarto lugar na classificatória, e do revezamento 4x100m. Não subiu ao pódio, mas estabeleceu o recorde sul-americano na prova em equipe.

O amor atravessou o esporte. Melania se casou com Waldemir Osório dos Santos, atleta do Vasco, que ela conheceu enquanto competia. Como diz o ditado popular “em casa de ferreiro, espeto de pau”, a única filha do casal de atletas não seguiu o caminho dos pais e passou longe do esporte. Melania Luz faleceu sem ter o devido reconhecimento, em 2016, aos 88 anos.

## CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Os Jogos Olímpicos de 1948, em Londres, marcaram o retorno após a Segunda Guerra Mundial e o início da Guerra Fria. Cancelados em 1940 e 1944, simbolizaram um esforço global pela paz e solidariedade, refletindo os desafios e esperanças do pós-guerra e a crescente influência da política internacional nos Jogos Olímpicos.



# ROSÂNGELA SANTOS

Paris 2024 vai ser a quinta edição olímpica da velocista recordista sul-americana nos 100m, Rosângela Santos. A atleta americana-brasileira nasceu nos Estados Unidos, em 1990, onde seus pais estavam morando a trabalho, mas veio para o Brasil com um ano de idade, por problemas de saúde.

O contato com o esporte aconteceu aos 9 anos. Rosângela morava em Padre Miguel, zona oeste do Rio de Janeiro, e começou a treinar na Vila Olímpica que foi construída no bairro. Aos 17 anos, já estava na seleção brasileira e foi medalha de bronze com a equipe de revezamento 4x10m nos Jogos Olímpicos de Pequim.

O curioso é que essa medalha só veio para Rosângela e as demais atletas em 2017. O Brasil havia ficado em quarto lugar na prova. Porém, o Comitê Olímpico Internacional cassou o ouro das atletas russas por doping detectado em reanálise de amostras dos Jogos de Pequim. Por esse motivo, a Bélgica assumiu o topo do pódio, a Nigéria ficou com a prata e o time brasileiro herdou o bronze.

## CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Durante a década de 2010, as questões raciais foram centrais nos Jogos Olímpicos, com foco na representação diversificada de atletas e em protestos contra discriminação. As redes sociais amplificaram esses debates, destacando movimentos como Black Lives Matter, e iniciativas buscaram promover igualdade e inclusão nos esportes.



## SILVÂNIA COSTA

Silvânia Costa, recordista mundial, ganhou medalha de ouro nos Jogos Paralímpicos realizados no Brasil. A sul-matogrossense venceu a prova do salto em altura e subiu no lugar mais alto do pódio. A surpresa foi maior depois da prova, quando descobriu que estava grávida de 2 meses do segundo filho, João Guilherme.

Além disso, Silvânia também conquistou uma medalha no revezamento 4x100m feminino: a de prata. A atleta se tornou bicampeã nos Jogos de Tóquio, realizados em 2021 por conta da pandemia de covid-19. Campeã paralímpica, mundial e parapan-americana, a mãe de Letícia Gabriela e João Guilherme é exemplo de resistência e dedicação.





# O LEGADO DE AÍDA DOS SANTOS

**Olimpíada: nossa delegação é uma mulher**

**Milhões no futebol,  
ninguém no atletismo**

A partir do instante em que seu potencial lúdico se evidencia — e ela começa a transformar seu instinto de correr, saltar e lançar objetos numa atividade competitiva —, a criança deve ser orientada para o esporte, não apenas para o futebol, mas para todo o esporte, cabendo ao técnico, no caso o professor de educação física, observar-lhe as aptidões e em seguida prepará-la racionalmente. Mesmo que essas aptidões não existam — e a criança não venha a ser, por este ou qualquer motivo, uma praticante —, terá, ao menos, aprendido a gostar de esporte.

— O brasileiro ainda não descobriu o esporte.

A afirmativa é de Ulisses Laurindo dos Santos, ex-atleta, recordista sul-americano, participante

de educação física em vários níveis e ramos de prática. Isso significa que todas as crianças, de nível médio ou inferior, estão obrigatoriamente submetidas a uma educação física, com aulas e professores que não têm obrigação de descobrir se a criança precisa recorrer a algum esporte oficial para se destacar e se tornar uma atleta.

— O brasileiro ainda não descobriu o esporte. Mesmo que essas aptidões não existam — e a criança não venha a ser, por este ou qualquer motivo, uma praticante —, terá, ao menos, aprendido a gostar de esporte.

A afirmativa é de Ulisses Laurindo dos Santos, ex-atleta, recordista sul-americano, participante

**1964: as lágrimas que Aída dos Santos, a atleta solitária, quis derramar no Estádio de Tóquio caíram no aeroporto do Galeão.**

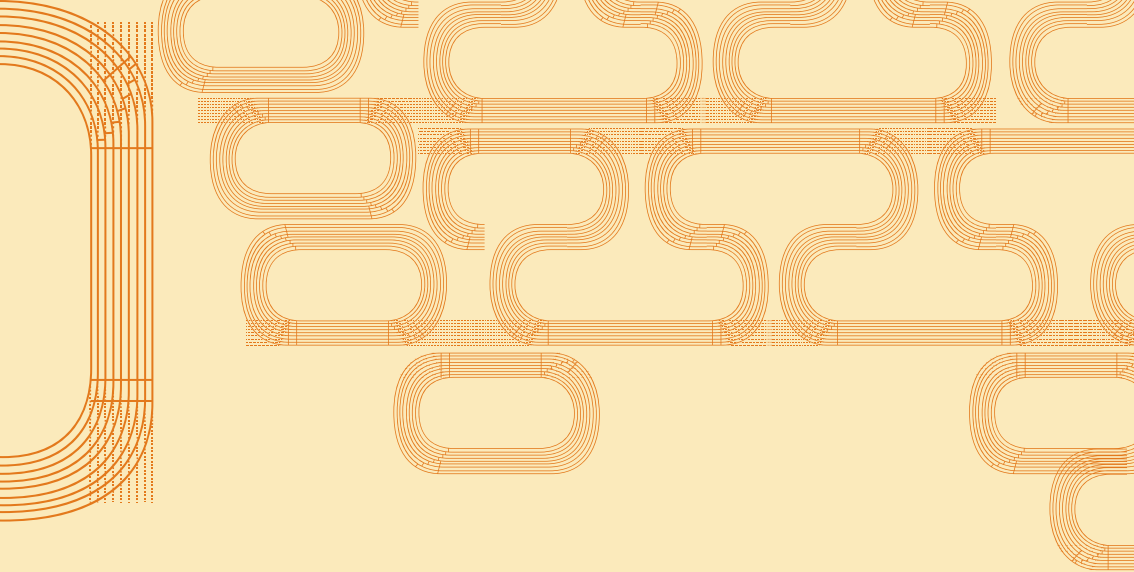


## AIDA DOS SANTOS

**Aida dos Santos** é uma das pioneiras do esporte olímpico brasileiro. Nascida e criada em Niterói, no Rio de Janeiro, Aida praticava vôlei e conheceu o atletismo através de uma amiga, que dava carona de bicicleta para a ida delas ao clube. Porém, não tinha o apoio do pai, que insistia em dizer que o esporte não dava futuro e não colocava comida na mesa. Aida precisava cumprir com as funções domésticas e treinar depois, exausta. E ela não desistiu, apesar de tamanha dificuldade e de precisar ir competir escondida do pai.

A história da atleta do salto em altura ficou marcada por ter sido a única atleta mulher na delegação que enviou 68 atletas para os Jogos de Tóquio, em 1964. Aida não teve apoio estrutural nenhum para competir em alto rendimento. Viajou sem uniforme, calçado e, principalmente, sem treinador. Ainda assim, foi a primeira mulher brasileira a disputar uma final olímpica. Aida torceu o pé antes de executar o último salto, alcançou 1,74m e terminou a competição com o quarto lugar geral. Na edição seguinte, competiu no pentatlo e ficou na vigésima posição. Durante a carreira, esteve ligada a três clubes: o Fluminense Atlético, de Niterói, onde começou; o Vasco e o clube do coração, o Botafogo.

Aida dos Santos se casou e teve três filhos, duas mulheres e um homem. Todos têm como profissão o esporte, como atletas ou professores. Hoje, Aida tem 87 anos, cuida do Instituto que criou e que leva o seu nome. Além de praticar vôlei na categoria máster e ter se formado em geografia, pedagogia e educação física.



Levou tempo, mas Aida conseguiu o reconhecimento pelo seu pioneirismo. Em 2006, recebeu o Troféu Adhemar Ferreira da Silva no Prêmio Brasil Olímpico e em 2009 ganhou o Diploma Mundial Mulher e Esporte, premiação especial entregue pelo Comitê Olímpico Internacional.

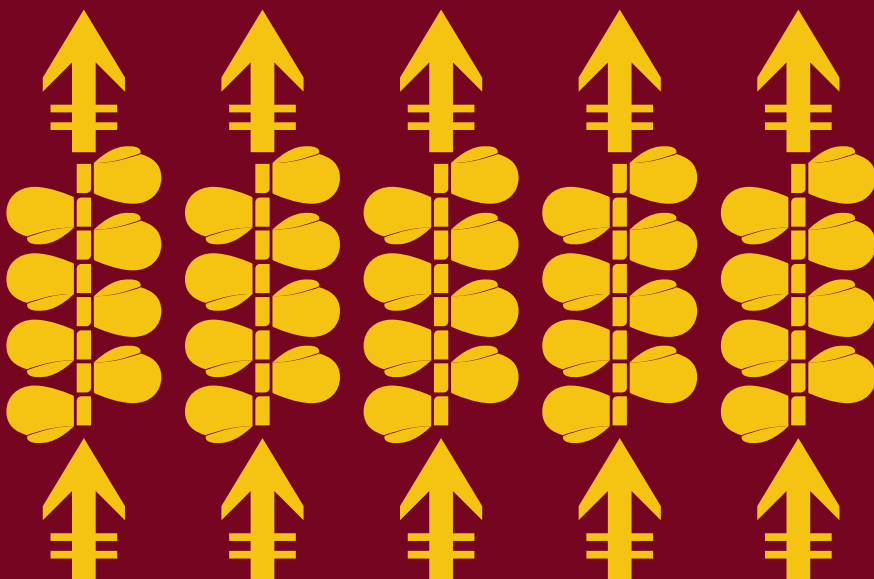
Os Jogos de Pequim marcaram o legado de Aida dos Santos com Ketleyn Quadros. Mas havia ainda mais emoção para a pioneira. Quando a seleção feminina de vôlei subiu no lugar mais alto do pódio, Aida, aos 71 anos, teve a certeza de que a medalha que não veio em 1964 chegaria à sua mão. E seria a de ouro. Uma das 12 atletas da seleção brasileira carregava o “dos Santos” no nome e não era coincidência. Valeska dos Santos Menezes, a Valeskinha, filha de Aida dos Santos, ganhou a medalha que a mãe não teve apoio para conquistar.

## CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

O golpe militar de 1964 intensificou a intervenção do Estado na gestão esportiva nacional. A reformulação do Conselho Nacional de Desportos (CND) reestruturou o financiamento esportivo, influenciando a preparação do país para competições internacionais na intenção legitimar-se globalmente através das conquistas esportivas, utilizando as medalhas dos atletas brasileiros para destacar o suposto sucesso do país sob seu governo.

# BOXE

O RINGUE É LUGAR  
DE PUNHOS NEGROS



# SERVÍLIO DE OLIVEIRA

Os punhos de **Servílio de Oliveira** estão no Hall da Fama do Comitê Olímpico Brasileiro por representarem o passado, presente e o futuro do boxe.

O senhor de 76 anos é um pioneiro dos ringues. No início dos anos de 1960, ele começou a dar os primeiros socos e em 1968, com menos de 30 lutas no cartel, estava nos Jogos Olímpicos da Cidade do México, em 1968, representando o país. E trouxe o bronze na categoria peso-mosca, de até 51 quilos. Uma conquista do boxe brasileiro, que levou décadas para se repetir, mas que não deixou de inspirar os pugilistas seguintes.

## CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Em 1961, a construção do Muro de Berlim influenciou os Jogos Olímpicos da década, com competições separadas entre Alemanha Oriental e Ocidental, refletindo a polarização política. Ambos os lados usaram os Jogos para propaganda, destacando a superioridade de seus sistemas. Apesar da divisão, atletas ocasionalmente colaboraram, ilustrando complexas relações humanas além das fronteiras políticas.



# ROBSON CONCEIÇÃO

O boxe do Brasil só subiu ao pódio em Jogos Olímpicos novamente, em 2012. Os irmãos Yamaguchi e Esquiva Falcão levaram respectivamente bronze e prata. Apenas em 2016, a modalidade chegou ao topo com Robson Conceição. O baiano, que não tinha passado do primeiro combate em Pequim 2008 e em Londres 2012, fez os brasileiros vibrarem com a conquista do ouro no Rio de Janeiro em 2016.

## CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Durante a década de 2010, eventos políticos globais como crises econômicas, movimentos sociais, preocupações com mudanças climáticas, avanços tecnológicos e questões de direitos humanos impactaram significativamente os Jogos Olímpicos. Esses eventos influenciaram desde a organização e financiamento dos Jogos até debates sobre inclusão social, sustentabilidade e direitos humanos durante os eventos esportivos.



# HERBET CONCEIÇÃO

Na sequência, outro baiano fez o Brasil parar de madrugada para torcer por ele. Eram os Jogos Olímpicos de Tóquio 2020. Herbet Conceição foi para o último round precisando de um nocaute para ganhar a luta contra o ucraniano Oleksandr Khyzniak e numa bela combinação de socos levou o adversário à lona. Depois, colocou a medalha de ouro no peito.

Tudo começou com uma medalha de bronze em 1968, conquistada por **Servílio de Oliveira**. A luta continuou e vem rendendo bons frutos ao Brasil. Hoje, o boxe brasileiro se tornou uma das principais forças do país em Jogos Olímpicos e chega em Paris 2024, mais uma edição dos Jogos Olimp, confiante na potência de punhos negros, como os de **Abner Teixeira** e **Keno Marley**. Dois futuros que já estão nocauteando no presente.

## CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

As manifestações culturais brasileiras da década de 2020, como música, cinema e moda, influenciaram indiretamente os Jogos Olímpicos de Tóquio, destacando a diversidade e a identidade cultural do Brasil globalmente.

# PUNHOS NEGROS FEMININOS CONTINUAM A HISTÓRIA NOS RINGUES



Foto: Cassimano



# ADRIANA ARAÚJO

Estilos diversos somados à qualidade de golpear nos ringues. Surge uma geração preparada para expôr como realmente gosta de ser visto. Uma turma sem dúvidas de quem é, quando se olha no espelho. E a história da centésima medalha do Brasil em Jogos Olímpicos será o ponto de partida para o entendimento de um boxe empoderado.

A baiana **Adriana Araújo**, da comunidade de Brotas, de Salvador, cresceu sendo alvo de preconceito. A mulher teve que enfrentar resistência no próprio lar quando escolheu o boxe para viver. O esporte considerado masculino pela família, também era visto como uma modalidade praticada por pessoas sem expectativa de um futuro promissor. Adriana não deu importância às falas e seguiu em frente até se tornar a única medalhista olímpica mulher do boxe brasileiro, em Londres 2012. Um bronze que calou os críticos e deu confiança para as gerações seguintes terem coragem de ser e fazer o que sonha.

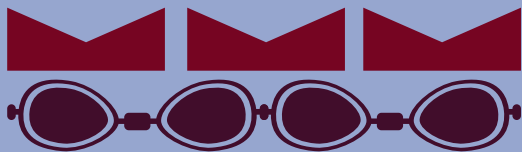
## CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Os Jogos Olímpicos de Londres 2012 foram um marco histórico, destacando a participação feminina de todas as nações pela primeira vez e o sucesso do Brasil, que conquistou 17 medalhas. Celebrados pela inclusão e diversidade, os Jogos inovaram com a primeira transmissão ao vivo em diversas plataformas digitais. A cerimônia de abertura, dirigida por Danny Boyle, foi um tributo à cultura britânica. Londres 2012 reforçou os valores olímpicos em uma celebração global inesquecível.



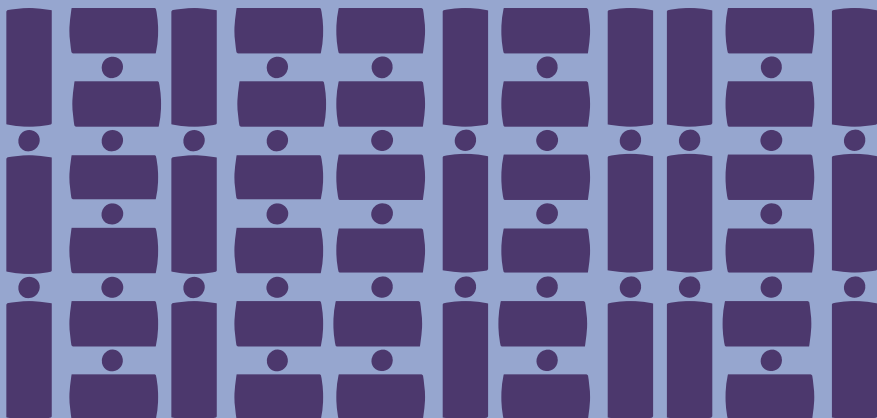
## JUCIELEN ROMEU

Olha o balanço do black power a cada movimento. Observar essa cena é ver Jucielen Romeu em ação. A paulista de Rio Claro resiste dentro do ringue e fora dele combatendo o racismo na sociedade. Aos 28 anos, ela vai para Paris apresentar como o povo preto performa bem quando reconhece a própria identidade. Expor o que é e sente, além de superar as adversidades impostas pela dinâmica social são elementos que fazem os punhos negros se tornarem uma fortaleza. Seja Adriana, Keno, Abner ou Jucielen. O corpo negro é passado, presente e futuro quando o assunto é boxe brasileiro nos Jogos Olímpicos.



# NATAÇÃO

ÁGUAS EM  
TONS DE PRETO



# EDVALDO VALÉRIO

Crie na mente um corpo negro nadando em alta velocidade e fale em voz alta: “lá vem **Edvaldo Valério**, o baiano vem pra garantir o bronze para o Brasil.

Olha o ‘bala’, na batida! Ele conquistou a primeira medalha do país nos Jogos Olímpicos de Sidney 2000!”. Conseguiu se ouvir? Você, leitor, narrou o feito do primeiro/único nadador negro brasileiro a colocar uma medalha olímpica no peito. Edvaldo fechou o revezamento 4x100. Quando pulou na água, o Brasil estava fora do pódio e ao chegar à borda, o país estava entre as três equipes mais rápidas dos Jogos de Sidney 2000.

Um desempenho que após 24 anos ainda não se repetiu, mas Edvaldo trabalha para que aconteça em breve. Para desenvolver novos vencedores, o ‘bala’ criou em Salvador, na Bahia, o Centro Aquático Edvaldo Valério. Na prática, é a luta do homem negro contra o perigo da história única. Conceito falado pela escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, onde ela explica que quanto mais diversificada forem as narrativas, maior a compreensão dos assuntos. Ao fazer a relação com o esporte, quanto mais negros vitoriosos, maior o reconhecimento do povo negro.

## CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Os Jogos de Sydney foram pioneiros na ênfase à sustentabilidade ambiental, com o Parque Olímpico de Sydney projetado com tecnologias ecológicas e práticas sustentáveis. A cerimônia de abertura destacou a cultura e a história da Austrália, celebrando a rica herança dos povos aborígenes australianos.

# ISAQUIAS QUEIROZ

Isaquias Queiroz, o primeiro/único brasileiro a conquistar três medalhas olímpicas em apenas uma edição de Jogos Olímpicos. Feito realizado no Rio de Janeiro em 2016 (2 pratas e 1 bronze).

Ainda criança, o baiano de Ubaitaba recebeu o diagnóstico do médico que iria morrer após um acidente doméstico. Depois, em outro momento, brincando na árvore, caiu numa pedra e perdeu um dos rins. Hoje, aos 30 anos, Isaquias vai para Paris com chances de se tornar o maior medalhista brasileiro em Jogos Olímpicos. Porque somando as conquistas do Rio com o ouro em Tóquio 2021 são quatro medalhas. Faltam duas para ultrapassar Robert Scheidt e Torben Grael. E na capital francesa, ele disputará duas provas nas categorias C1 1km e C2 500m.

Águas sendo rasgadas com força, talento e velocidade. Sendo palco para homens negros brilharem de forma singular, mas ao mesmo tempo, se tornando inspiração para milhões, que tornarão a história negra nas águas: diversa seja com remadas ou braçadas.

(Foto de Isaquias Queiroz)

## CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

A cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016, dirigida por Fernando Meirelles, Daniela Thomas e Andrucha Waddington, foi elogiada por sua criatividade e ênfase na sustentabilidade, diversidade e cultura vibrante do Brasil, destacando a herança indígena e a história afro-brasileira. Os Jogos foram notáveis pela inclusão de atletas refugiados competindo sob a bandeira olímpica, simbolizando solidariedade e esperança em tempos de crise global.

# ETIENE MEDEIROS

Durante muitos anos, o reforço de estereótipos afastou atletas negros de diversas modalidades esportivas. Houve um tempo, que a partir do racismo científico (eugenia), foi dito repetidamente que pessoas pretas tinham os ossos mais pesados e, por isso, não poderiam praticar natação, pois não flutuavam. Uma grande mentira. A realidade é que até 1950 apenas pessoas brancas podiam frequentar os clubes do país, onde estão concentradas as piscinas para a prática do esporte. Ao longo dos anos, nem 6% dos atletas que representaram o Brasil em olimpíadas são negros. Em 2016, nas olimpíadas do Rio, a exceção da exceção se fez presente: **Etiene Medeiros**. A pernambucana, nascida em 1991, leva consigo o nome da mãe, que junto do pai Jamison, a apoiou e incentivou no esporte. Etiene começou a nadar aos dois anos de idade, por motivo de saúde, e na infância foi adepta de outras modalidades. Iniciou a carreira profissional no Sport Club do Recife aos 8 anos, em 2000. Depois foi para o SESI-SP, onde passou a maior parte da carreira, até os dias atuais. Chegou a morar no Rio de Janeiro durante um período e defendeu as cores do Flamengo. Colecionou medalhas e conheceu o mundo até a grande oportunidade da vida: disputar os Jogos Olímpicos em casa, no Brasil, no Rio, em 2016. A única mulher negra da história a disputar os Jogos pela delegação do país. A primeira do país a conquistar uma medalha de ouro em um campeonato mundial de natação em piscina longa e curta. Além de ser recordista mundial dos 50m costas. Etiene bateu o recorde sul-americano dos 50m livres na semifinal, com a marca de 24s45. Na final olímpica da prova, terminou em oitavo lugar. Se aposentou das piscinas em 2022.

## CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

A questão racial na década de 1950 refletia as profundas divisões sociais e políticas nos Estados Unidos e em outras partes do mundo. A segregação e o racismo estrutural impediam o avanço social e econômico dos negros em muitos aspectos da vida, incluindo o esporte. Atletas negros enfrentavam barreiras significativas para competir em esportes tradicionalmente dominados por brancos, como a natação.

# CHEGANDO NO TOPO A BRAÇADAS LARGAS



Foto: COB



# ANA MARCELA CUNHA

Da mesma geração de Etiene Medeiros, temos a soteropolitana **Ana Marcela Cunha**, campeã olímpica e eleita maior nadadora de águas abertas do mundo (antiga maratona aquática) por seis vezes. Nascida e criada em Salvador, aos 8 anos já nadava em águas abertas, em rios e no mar, e tinha destaque nas provas de fundo nas piscinas. Ana Marcela Cunha começou a nadar aos dois anos de idade, na creche. A atleta estreou nos Jogos Olímpicos em Pequim 2008, aos 16 anos, e terminou em quinto lugar nos 10km feminino, um marco histórico na ocasião. Na Rio 2016, terminou em décimo lugar. Não se classificou para Londres 2012, mas chegou em Tóquio para brilhar e ser campeã olímpica.

Agora, Ana Marcela, que é considerada uma das melhores da modalidade de todos os tempos, chega em Paris para defender o título. Tem uma carreira brilhante, que conta com 16 medalhas em mundiais, sendo 7 de ouro, e a inédita vitória para o Brasil em Jogos Pan-americanos, conquistada em Lima 2019.

## CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Os Jogos Olímpicos de Pequim em 2008 foram um marco significativo na história olímpica moderna. Realizados na capital da China, esses Jogos foram os primeiros a serem sediados pelo país asiático, simbolizando sua ascensão como potência global. O evento foi caracterizado por uma infraestrutura impressionante, com instalações esportivas modernas e uma cerimônia de abertura grandiosa que destacou a rica cultura chinesa.





# ANA KAROLINA SOARES

A nova geração já pode se orgulhar de **Ana Karolina Soares**, nadadora paralímpica e medalhista de bronze no revezamento 4x100m livre misto S14 nos Jogos de Tóquio 2020/21. Nascida em 2000, no interior de Minas Gerais, Ana Karolina começou a nadar com quatro anos, por indicação médica, e dois anos mais tarde já estava competindo. Embora tenha treinado ginástica na infância com a referência da modalidade, Rebeca Andrade, Ana Karolina trilhou seu caminho de sucesso nas águas e não no solo.

A atleta é medalhista paralímpica e parapan-americana. Se destaca na prova dos 100m costas, onde conquistou o bicampeonato na competição continental.

# SER É PARA POUCOS, VALORIZEMOS

## DIEGO MORAES

Ser atleta em Jogos Olímpicos parece uma façanha simples de ser alcançada. Mas são raros os atletas que vivenciaram essa experiência, pouquíssimos ainda conseguirão subir ao pódio. Em dezembro de 2016, Diego Moraes começou uma jornada atípica no meio esportivo. Retornou ao caratê depois de onze anos parado para buscar uma vaga olímpica no esporte que tinha virado novidade no quadro de modalidades olímpicas. Como jornalista, registrou os cinco anos dessa caminhada, encarando transportes lotados, lesões, cobranças internas, externas, competições e expôs toda a saga, em rede nacional através da série “Diego San” do Esporte Espetacular, da TV Globo. Como atleta, chegou ao número 1 do Brasil, 2 da América e top 10 no campeonato mundial de Dubai. Mesmo com essas conquistas, a vaga para estar em Tóquio-2021 não foi possível. O repórter-carateca aprendeu e mostrou que a trajetória para se tornar olímpico vai além da força de vontade e, em um país tão desigual, a história ganha contornos ainda mais dramáticos. Um processo capaz de inspirar gerações e de preparar quem viveu o ciclo olímpico para desafios além do esporte. Ser atleta é para poucos, independentemente de estar ou não com uma medalha no peito no final de um ciclo.



# ANTÔNIO TENÓRIO

Mas numa história de desafios, reviravoltas e de ilustrações da vida de um atleta para se tornar olímpico, o negro brasileiro mais vitorioso entre Jogos Olímpicos e Paralímpicos, a lenda se chama **Antônio Tenório**. O judoca perdeu a visão totalmente antes dos 20 anos de idade e iniciou as conquistas aos 25 anos (Atlanta 1996). Ao todo foram, seis pódios (4 ouros, 1 prata e 1 bronze), em sete participações Paralímpicas.

A jornada dele em Pequim 2008 virou o documentário “B1 – Tenório em Pequim”. E, em 2021, foi lançado o filme “Tenório e os sonhos de Judô” mostrando a experiência dele e de jovens lutadores brasileiros no Japão, terra onde Jigoro Kano criou o judô em 1882. Depois de das sete participações seguidas em Jogos, em Paris, o tatame não será palco para a grande exibição da técnica do judoca de mais de 50 anos de idade. Mas continuará sendo o ambiente de quem se inspira em Tenório. Pois ele é a personificação do desejo de quem quer estar entre os melhores da história do esporte.

## CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Os Jogos Paralímpicos começaram em 1960 em Roma, Itália, inicialmente como uma competição para veteranos de guerra com lesões na medula espinhal, organizados pelo Dr. Ludwig Guttmann. Eles evoluíram a partir dos Jogos de Stoke Mandeville, realizados em 1948.



# BADMINTON

## BADMINTON REVELANDO TALENTOS

# LOHAYNNY VICENTE & LUANA VICENTE

Lohaynny Vicente, a primeira mulher negra do Brasil a disputar a modalidade numa edição olímpica. O talento para a modalidade também foi para a irmã mais velha, Luana Vicente. As irmãs praticavam o esporte no clube perto de casa, que se tornou um projeto social voltado exclusivamente para o badminton, modalidade pouco difundida no Brasil.

Em 2015, nos Jogos Pan-americanos, elas se tornaram as primeiras brasileiras na história a conquistar medalha no badminton na competição continental. No ano seguinte, Lohaynny estava disputando olimpíadas em casa, na Rio 2016. Feito grandioso e muito celebrado pela família. A brasileira não é mais atleta de alto rendimento no Badminton. Seguiu o caminho de voar ainda mais alto. Atualmente, Lohaynny é piloto de helicóptero e cursa Ciências Aeronáuticas.

# JULIANA VIANA

A nova geração do Badminton brasileiro vai marcar presença em Paris 2024. Nascida no Piauí, **Juliana Viana** vai chegar na sua primeira olimpíada da carreira com 19 anos. Aos 6 anos, a atleta fazia balé e ingressou no badminton porque queria mais responsabilidades e competições. No ano seguinte, voltou do pan-americano sub-11, realizado no Canadá, com a medalha de bronze. Na adolescência, saiu da casa dos pais e foi morar na Espanha para se aperfeiçoar. Além disso, fez intercâmbio para treinar na China e na Indonésia. O próximo destino da prodígio brasileira é Paris.

Na posição 25 do ranking, Juliana se classificou com a melhor marca da história do Brasil no feminino. Também é a terceira ranqueada das Américas, a primeira sul-americana. Do Piauí a Paris, Juliana vai realizando sonhos e carimbando o passaporte. Juliana vai entrar na seleta lista de nove representantes do estado do Piauí que disputaram uma olimpíada ao longo da história.



## DANIELE SOUZA

Descendo do nordeste para o centro do país, a capital do Brasil também vai ser bem representada. Daniele Souza está classificada nas paralympíadas. E o mais curioso é que ela não gostava de esporte e foi levada e incentivada pela mãe a conhecer a modalidade.

Daniele é a primeira mulher brasileira da modalidade do parabadminton a estar nos Jogos. Campeã Parapan-americana no simples, a atleta coleciona títulos na competição continental e, agora, vai buscar o pódio no maior evento esportivo do mundo. Daniele iniciou a carreira na modalidade em 2012, ano olímpico, e, 3 ciclos depois, com 31 anos, estará representando Brasília e levando a bandeira do Brasil para outro continente.

### CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

O badminton entrou para os Jogos Olímpicos em 1992, durante os Jogos de Barcelona. Em 1996, duplas mistas foram adicionadas. Antes de sua inclusão, o badminton era um esporte popular em muitos países, especialmente na Ásia, com uma longa tradição de competições internacionais. A entrada do badminton no programa olímpico foi um reconhecimento de sua crescente popularidade e do alto nível de habilidade dos atletas.

# JUJÛ € TAEKWONDO

A LUTA É  
PERMANENTE



Foto: Boletim Osotogari

# SORAIA ANDRÉ

Durante a Ditadura Militar, nascia na periferia da zona norte de São Paulo, **Soraia André**, a filha mais velha de Israel Laércio e Neide de Jesus. A pioneira do judô brasileiro passou a infância proibida de praticar a modalidade, que foi ilegal em território nacional até o fim da década de 70.

Após procurar muito, através da associação de judô, o pai de Soraia encontrou uma academia no bairro próximo ao que eles moravam. Porém, nessa academia, apenas as filhas dos professores japoneses podiam fazer aulas. Israel Laercio teve que partir para o primeiro embate: questionar se o que estava acontecendo era um caso de racismo. Foi a partir da insistência e persistência que Soraia conseguiu ingressar nos treinos de judô.

O talento era latente e a dedicação levou Soraia aos Jogos Olímpicos de Seul 1988, quando o judô foi apresentado apenas como uma modalidade de exibição. Nesta edição, terminou em quinto lugar e, no ciclo seguinte, quando o esporte feminino entrou de vez no cronograma, em Barcelona 1992, também não conquistou medalha. Quando retornou ao Brasil, ela fez críticas à Confederação de Judô pela falta de repasse de verbas aos atletas durante as competições e, como punição, foi proibida de participar de competições oficiais, representadas pela Confederação.

Soraia André, a pioneira brasileira, decacampeã nacional, psicóloga, hoje com 60 anos, vibra e se emociona com as novas gerações de mulheres negras que se destacam em uma das modalidades mais prestigiadas dos Jogos Olímpicos na atualidade, entre elas, Rafaela Silva, que faz parte da história do esporte, junto do vôlei, que rendeu mais medalhas para o Brasil. Ao todo, o país conquistou 24, sendo 4 de ouro.

## CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

A revogação do artigo 54 em 1979 foi um marco importante para o esporte feminino no Brasil, abrindo caminho para futuras gerações de atletas. Embora a legislação tenha sido um obstáculo significativo, a persistência e a dedicação das atletas brasileiras ajudaram a transformar o cenário esportivo, promovendo maior igualdade e inclusão.





## KETLEYN QUADROS

Quarenta e quatro anos depois dos Jogos de Tóquio 1964, em outro tipo de solo, em condições diferentes, outra mulher negra fez história. A judoca **Ketleyn Quadros** foi a primeira brasileira a ganhar uma medalha individual, batendo o recorde de Aida dos Santos. Nascida em Ceilândia, no Distrito Federal, quando criança, se dividia entre as paixões pela natação e pelo judô, mas, aos 12 anos, focou integralmente na luta, que a levou para conhecer o mundo e conquistar medalhas. Foi bronze nos Jogos de Pequim, em 2008. Não classificou para Londres 2012 e Rio 2016 e retornou à olimpíada em Tóquio 2020/21, quando não subiu ao pódio.

Aos 36 anos, Ketleyn coleciona medalhas: foi campeã sul-americana, pan-americana, entre outras medalhas nessas competições e em torneios mundiais. Vai estar em Paris, sua terceira edição de Jogos Olímpicos com a mesma motivação da sua estreia, em 2008.



# RAFAELA SILVA

Enquanto Soraia André sofria, pavimentando o caminho e disputando sua última edição olímpica, em 1992, nascia Rafaela Silva, que pouco mais de duas décadas depois se tornaria campeã olímpica. A história de Rafaela se confunde com a de muitos atletas brasileiros. Nascida na favela e conhecendo o esporte através de projeto social, que mudou sua história.

Começou no judô com sete anos. Aos 21, em 2013, se tornou a primeira brasileira a sagrar-se campeã mundial da modalidade. Três anos depois, conquistou a medalha de ouro olímpica na cidade em que nasceu, o Rio de Janeiro. Dez anos após o topo do pódio no mundial, veio o ouro nos Jogos Pan-americanos. Com isso, Rafaela se tornou a primeira atleta do judô brasileiro, entre homens e mulheres, a ser campeã olímpica, mundial e pan-americana.

A carioca, que defende as cores do Flamengo, chega em Paris com 32 anos e muita vontade de repetir o feito da Rio 2016.

## CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Em 2016, o Brasil foi marcado pelo impeachment de Dilma Rousseff, acusações de corrupção na Operação Lava Jato, uma grave crise econômica com recessão e desemprego crescente, além de protestos polarizados. Esses eventos políticos turbulentos influenciaram diretamente os Jogos Olímpicos do Rio, ocorrendo em um ambiente de crise, afetando tanto a organização quanto o clima social durante o evento esportivo.

# CRISTHIANE NEVES

Se o judô é antigo nos Jogos Olímpicos, por outro lado, o taekwondo paralímpico vai apenas para sua segunda edição em Paris. A modalidade estreou no programa em Tóquio 2020 e foi nesse momento que a atleta natalense **Cristhiane Neves** passou a concentrar todas as energias para poder representar o Brasil.

Praticante de muay thai há sete anos e de jiu-jitsu há quatro, Cristhiane perdeu o braço em um acidente de moto, mas manteve o treinamento, se adaptando a uma nova modalidade.

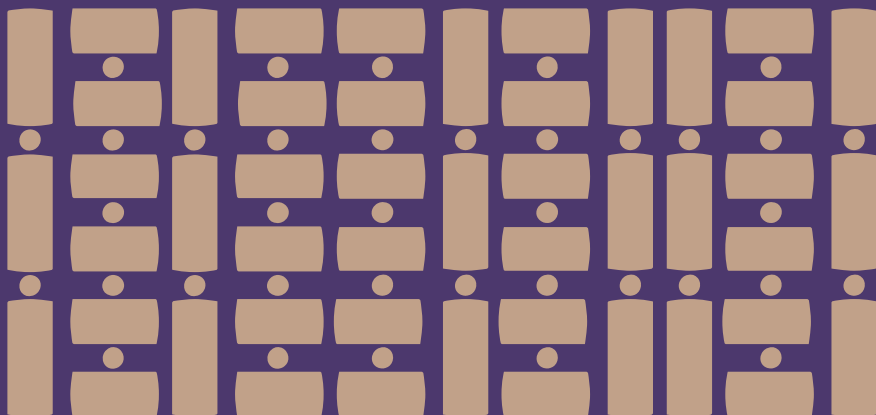
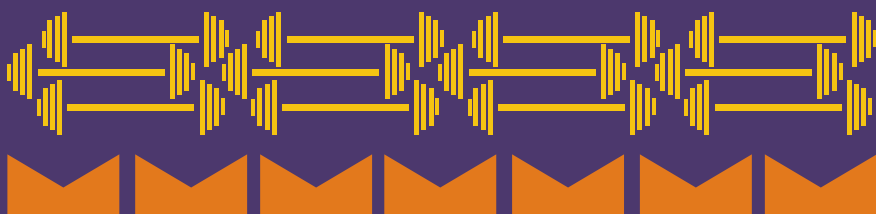
Hoje, com 39 anos, a atleta ocupa o quinto lugar no ranking mundial e aguarda a definição da Confederação para saber se vai à Paris. A caminhada de sucesso conta com o vice-campeonato no Parapan-americano de 2022 e o bronze em 2023.

## CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Os Jogos Paraolímpicos de Tóquio 2020 destacaram-se por incluir novas modalidades esportivas como badminton e taekwondo, além de ampliar a participação em canoagem e triatlo para atletas com diferentes deficiências. Houve avanços significativos em equipamentos esportivos adaptados, refletindo um compromisso renovado com a diversidade e a igualdade de oportunidades para os atletas paraolímpicos. Essas iniciativas não apenas diversificaram o evento, mas também fortaleceram o reconhecimento das habilidades dos participantes com deficiência em nível global.

# LEVANTAMENTO DE PESO

LEVANTANDO PESO  
E FAZENDO HISTÓRIA



# MARIA ELISABETE JORGE

**Maria Elisabete Jorge**, conhecida como “**Bete do Peso**”, foi uma pioneira no levantamento de peso feminino no Brasil. Sua trajetória é marcada pela perseverança e sucesso em várias competições nacionais e internacionais. Bete nasceu em Viçosa, no interior de Minas Gerais, em 1957. Seu pai era funcionário da Universidade Federal de Viçosa e sua mãe dona de casa. É a segunda filha, de seis. Na escola começou a ter contato com esportes, mas só se dedicou mais tarde, aos 18 anos, no atletismo. Entre treinos e competições, Bete fazia faxina, lavava roupa dos estudantes da UFV e trabalhava como garçone.

Quando tinha 33 anos, no início dos anos 90, Bete superou todo preconceito contra uma modalidade que estava crescendo na sua cidade natal: o levantamento de peso, esporte então dominado por homens. Em pouco mais de um ano de treinamento, destacou-se ao se tornar campeã sul-americana em Santa Fé, Argentina, em 1992.

Aos 43 anos, Bete fez história ao ser a primeira mulher a representar o Brasil no levantamento de peso em uma olimpíada, nos Jogos de Sydney 2000, onde alcançou o 9º lugar na categoria até 48kg, desafiando estereótipos e demonstrando que o esporte não é exclusivo de homens.

Nas olimpíadas do Rio, em 2016, Bete foi uma das árbitras do levantamento de peso. Na sequência, se formou em Educação Física. Atualmente, aos 67 anos, após um longo período como técnica da seleção brasileira da modalidade, Bete atua em um projeto social que forma talentos no esporte.

## CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

O Jogos Olímpicos de Sydney viu a inclusão de novas modalidades esportivas, como o trampolim sincronizado, o triatlo feminino e o taekwondo.

O levantamento de peso praticado por mulheres tem uma história de desenvolvimento gradual e reconhecimento crescente ao longo dos anos.

Inicialmente, o esporte era predominantemente masculino e só foi oficialmente

introduzido nos Jogos Olímpicos em 2000, nos Jogos de Sydney, como parte do programa olímpico feminino.



## LAURA AMARO

No mesmo mês que se encerrava os Jogos Olímpicos de Sydney 2000, nascia no subúrbio do Rio de Janeiro **Laura Amaro**, que vai participar da sua primeira edição olímpica em Paris, 2024. A atleta da nova geração do levantamento de peso iniciou sua trajetória esportiva em 2013, em meio a dificuldades econômicas e sociais, características que marcam muitas histórias de atletas brasileiros.

Desde jovem, Laura demonstrou uma paixão e talento natural para a prática esportiva e teve o apoio dos pais. A atleta representa a Marinha do Brasil, onde é 3º Sargento. Aos 20 anos, conquistou seu primeiro título importante no campeonato brasileiro, destacando-se rapidamente no cenário nacional. Em 2021, aos 21 anos de idade, ela se tornou a primeira mulher a dar ao Brasil uma medalha em um Mundial de levantamento de peso, no Uzbequistão.

Laura, além de suas conquistas, tornou-se uma voz ativa na luta por melhores condições e reconhecimento para os atletas femininos no Brasil, contribuindo para a visibilidade e valorização do esporte feminino no país.



# TAYANA MEDEIROS

Nos Jogos Paralímpicos de Tóquio, realizados 20 anos depois de Sydney, outra mulher negra representou o Brasil: **Tayana Medeiros**.

Assim como Laura, Tayana nasceu no Rio de Janeiro, em 1993. O contato com o esporte aconteceu já na fase adulta. A atleta conheceu o halterofilismo depois de um evento da modalidade antes dos Jogos Paralímpicos Rio 2016 e se apaixonou. A sua perseverança e dedicação ao esporte renderam-lhe a oportunidade de representar o Brasil em competições internacionais, onde ela continuou a alcançar marcos significativos.

A brasileira coleciona títulos. Foi campeã parapan-americana e mundial. No ciclo seguinte a Rio 2016, estava ela do outro lado do mundo, representando o Brasil e conquistando o quinto lugar geral.

## CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

A delegação brasileira teve um desempenho notável, conquistando um total de 72 medalhas (14 de ouro, 29 de prata e 29 de bronze), o que representou o melhor resultado do país na história dos Jogos Paralímpicos.



## O VÔLEI TAMBÉM É PARA “NEGRELLIS”



# JOSÉ OSWALDO FONSECA

**José Oswaldo Fonseca** foi o primeiro negro a disputar os Jogos Olímpicos pelo Brasil. Fez parte do elenco que competiu em Munique, 1972. Em toda a carreira, defendeu a Seleção em 186 partidas, sem tanto destaque, mas tendo um papel fundamental: mostrar que pessoas do perfil dele tinham habilidade o suficiente para ocupar aquele espaço.

A identificação da história do negro no vôlei brasileiro começou por um apelido: “**Negrellis**”. José Oswaldo Fonseca, era chamado assim e dessa maneira as notícias se referiram a ele quando faleceu aos 72 anos, em 2022. O que a história não contava é que os “**Negrellis**” da sequência também seriam marcantes sem ter a identidade ocultada por um apelido.

## CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Os Jogos Olímpicos de 1972 e 1976 refletiram a mobilização global por direitos civis e igualdade racial. No Brasil, foi uma das inspirações na criação do Movimento Negro Unificado (MNU/1978). Que promoveu e segue promovendo inclusão, combates a discriminação, buscando maior representatividade para atletas negros nos esportes brasileiros.



# FUTEBOL

VOSSA MAJESTADE

FORMIGA

MIRAILDES MACIEL MOTA



Os Jogos Olímpicos estão marcados na história de uma pioneira brasileira, soteropolitana, nascida em 1978, que é conhecida por “Formiga”, embora seja gigante. Filha da dona Celeste, Miraildes Maciel Mota jogou ao lado de Sissi e de Marta. É uma das maiores referências do futebol nacional e coleciona marcas históricas.

Disputou sete Copas do Mundo, sendo a única atleta no Planeta a ter tal feito. Também foi para sete Jogos Olímpicos representando o Brasil. Na última edição, se tornou a jogadora mais velha a participar da competição, com 43 anos. Esteve em campo em todas as conquistas da seleção brasileira, sendo capitã em muitas delas. Formiga está aposentada dos gramados. Se casou e hoje tem o reconhecimento pelo trabalho prestado ao futebol brasileiro e internacional.

## CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

O futebol feminino foi introduzido nos Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996, marcando sua estreia oficial como modalidade olímpica. Este foi um passo importante para a igualdade de gênero nos Jogos Olímpicos, permitindo que as mulheres também competissem em uma das modalidades esportivas mais populares do mundo.



# MARTA VIEIRA DA SILVA

Nascida em Três Riachos, em Alagoas, em 1986, a menina que aos 14 anos entrou em um ônibus rumo ao Rio de Janeiro para realizar um sonho, chegou ao topo. Foi atleta do CSA, do Vasco da Gama, do Santos e fez carreira no futebol internacional. Se tornou a maior artilheira da história da seleção brasileira, entre homens e mulheres, com 116 gols. A única camisa 10, depois de Sissi, a representar o Brasil em Olimpíadas.

Marta conquistou o Mundo. Foi eleita Bola de Ouro por seis vezes, sendo cinco de forma consecutiva. Bateu recordes, inspirou, escreveu e escreve a cada dia seu nome na história. Marta é ovacionada onde vai e exaltada por colegas de profissão e por adversárias.

Foi campeã pan-americana em 2003 e em 2007, esse último conquistado em casa, em uma final épica no Maracanã com um público superior a 60 mil pessoas. Mesmo ano em que foi vice-campeã Mundial, o melhor resultado do Brasil em Copas das mulheres. Seu talento e maestria também ajudaram a seleção brasileira nas conquistas das medalhas de prata nos Jogos Olímpicos de Atenas 2004 e Pequim 2008. Esteve ainda nas olimpíadas de Londres 2012, Rio 2016, Tóquio 2020/21. Estará presente em Paris 2024, aos 38 anos. Desde 2017, Marta é atleta do Orlando Pride, time norte-americano.



# SISSI

## SISLEIDE DO AMOR LIMA

Sisleide do Amor, Sissi, nasceu na Bahia, em 1967. Saiu cedo da casa da família para realizar o sonho de jogar futebol. Sissi jogou no São Paulo, Palmeiras, Vasco e em outras equipes fora do país. Com seu talento, ganhou notoriedade e conquistou títulos. Foi convidada a fazer parte da primeira seleção feminina da história do Brasil, nos anos 1990. Nos Jogos Olímpicos de Atlanta 1996 e de Sidney 2000, Sissi foi a capitã da seleção que terminou as edições em quarto lugar. Eram as duas primeiras olimpíadas com o futebol feminino no cronograma olímpico. Em 1999, ajudou o Brasil na conquista do terceiro lugar no Mundial da modalidade. Época em que não havia reconhecimento e apoio ao futebol feminino por parte da Confederação Brasileira de Futebol.

Sissi é conhecida como a Imperatriz do futebol brasileiro. Atualmente, mora nos Estados Unidos com a família. Lá trabalha como técnica de futebol.

### CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

O futebol feminino no Brasil teve um começo desafiador, enfrentando proibições e estereótipos. Nas décadas seguintes, surgiram movimentos de resistência e, gradualmente, o esporte ganhou visibilidade e estrutura organizada.

# RAFAELLE SERAPHIM

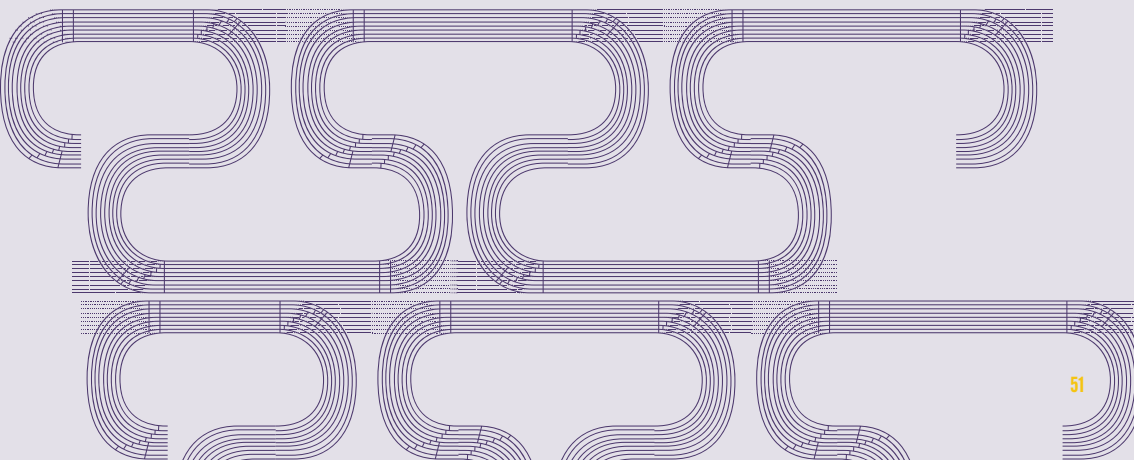
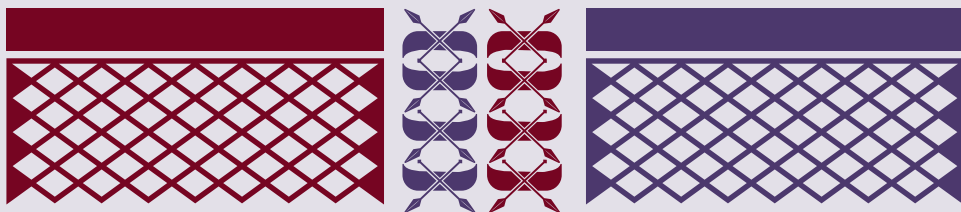
O legado de Formiga, Sissi e Marta abriram portas para jovens negras sonhadoras, que hoje podem trabalhar com futebol e com todas as possibilidades que o esporte dá. Foi assim com a criança Rafaelle, que esteve no Maracanã em 2007, para ver a seleção de mulheres golear os Estados Unidos e se tornar campeã pan-americana em casa. O imaginário foi construído e Rafaelles, Jordanas, Julias, Natálias, Dudas e outras mulheres negras acreditaram que poderiam ser comentaristas, narradoras, repórteres, mulheres que vivem do futebol.

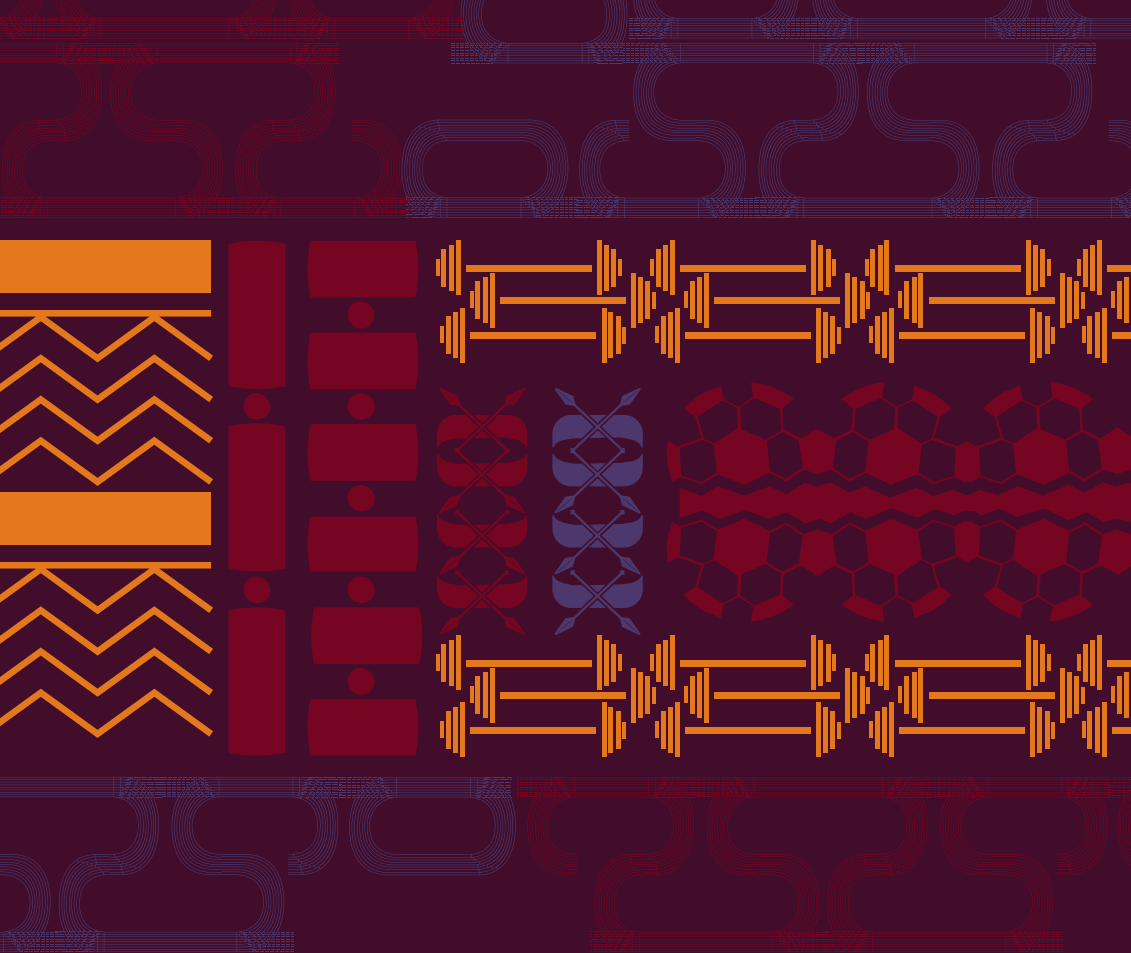


Foto: JORDAN SILVA

# UMA HOMENAGEM AOS ATLETAS OLÍMPICOS NEGROS BRASILEIROS:

Aos atletas olímpicos negros do Brasil, queremos celebrar sua resiliência, determinação e conquistas extraordinárias. Vocês não apenas representam o talento e a excelência esportiva, mas também são verdadeiros líderes em inspiração e superação. Em cada competição, vocês não só desafiam os limites físicos, mas também quebram barreiras sociais, promovendo a diversidade e a inclusão em um cenário global. Suas histórias de sucesso não apenas enchem o país de orgulho, mas também iluminam um caminho de esperança e igualdade. Que seus feitos inspirem gerações futuras a perseguirem seus sonhos com paixão e determinação, mostrando que todos os sonhos são possíveis com dedicação e trabalho árduo.

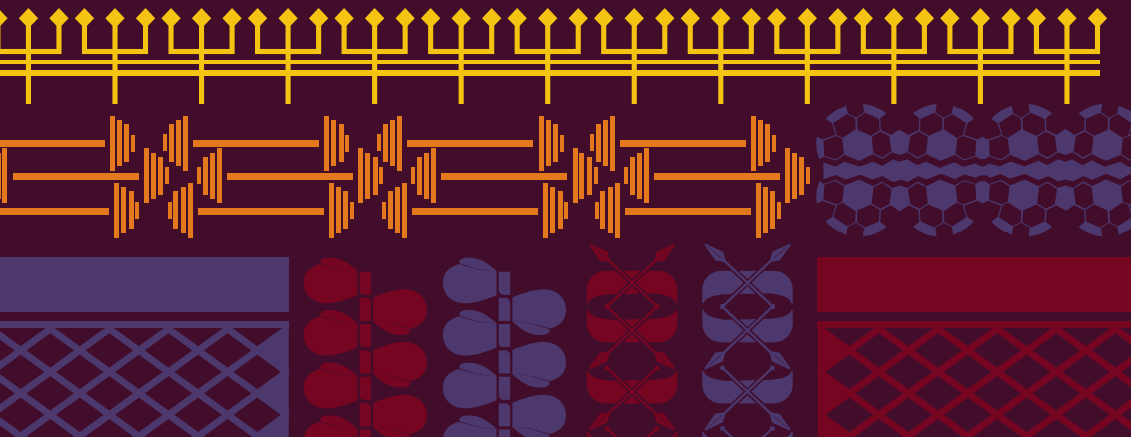




## CENTENÁRIO DE NEGRITUDES ESPORTIVAS

Curadoria Yordanna Lara Rêgo **Criação Textual e Revisão** Diego Moraes, Rafaele da Silva Seraphim

**Identidade Visual e Design Gráfico** Cassimano





## SESC 14 BIS

Rua Dr. Plínio Barreto, 285

Tel.: 11 3016-7700

  /sesc14bis

[sescsp.org.br/14bis](http://sescsp.org.br/14bis)